

Um olhar Sobre Federico García Lorca. “Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu Jardim” e Outros Poemas Adaptado para “Ramo Ardente” e Representado pelo Teatro Universitário de Maringá

Ester Cristiane da Silva

Resumo: Federico García Lorca escreveu mais de 10 peças de teatro, poesias e prosas, seus desenhos foram publicados em Madri em 1949. Em 1926, o dramaturgo espanhol escreveu “Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim”, uma obra que transita entre o cômico e a tragédia. A peça teatral é intitulada pelo dramaturgo como uma “aleluya erótica em cuatro cuadros” para ser representada por seis atores: Don Perlimplin, Belisa, Marcolfa, mãe de Belisa, duende 1 e duende 2. Em 2003, o Teatro Universitário de Maringá (TUM), fez uma montagem do espetáculo, adaptando-o para “Ramo Ardente” com direção de Pedro Ochôa. Na abordagem o diretor inseriu nove poemas e uma canção de autoria do próprio dramaturgo, colocado nas vozes do coro (adotado pelo diretor), que também personificavam os duendes, acentuando a característica trágica de García Lorca.

O objetivo é situar como a peça teatral foi adaptada pelo TUM, rememorando que o enredo de “Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim” se dá em torno da casa e do jardim de Perlimplim, um senhor com uma fragilidade aguçada. A criada Marcolfa toma as decisões da casa e da vida pessoal do próprio amo. Quando a criada está com cinquenta anos decide que Dom Perlimplim deve casar-se, pois não viverá para sempre para tomar conta do amo. O casamento intermediado por Marcolfa é celebrado, Belisa que é jovem e atraente aceita o pedido após ser convencida pela mãe de que o pretendente tem muito dinheiro, e que este dá a formosura que por sua vez é cobiçada por outros homens. Assim casam-se e na noite de núpcias Belisa o trai com cinco homens diferentes. A condição de homem patético será abandonada quando o personagem percebe a condição de homem traído e ridicularizado. Perlimplim alterna entre o homem velho e o jovem amante com sua capa vermelha para conquistar o amor de Belisa. Essa mistura de comédia e tragédia é conhecida por esperpento.

As fontes, além da peça teatral de Lorca, buscam autores que abordam o conceito do esperpento, formulado por Francisco Ruiz Ramón, que observa que há um ponto que não existe um acordo e que se pode interrogar se o esperpento é trágico ou grotesco, no entanto chega à concepção que “[...]lo grotesco y lo trágico de la realidad que pretende reflejar sólo puede hacerse, para no traicionar ninguna de esas dos dimensiones, mediante la síntesis dialéctica de la farsa y la tragedia, que es, en su esencia, el esperpento” (RUIZ RAMÓN, 1992, p. 132-133). No esperpento são exigidos comportamentos distintos à vontade dos personagens, provocando atitudes grotescas e ambíguas por parte deles (ELIAS, 2002, p.3).

A montagem “Ramo Ardente” adaptação da peça teatral “O amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim” Garcia Lorca foi realizada pelo Teatro Universitário de Maringá, com direção de Pedro Ochôa, com base em pesquisas sobre o contexto social da data que foi escrita (1926) na Espanha, e também na obra e vida do dramaturgo. García Lorca apesar de seus anseios artísticos múltiplos, não teve muito êxito na pintura, porém como compositor e poeta se destacou, mas, sobretudo tornou-se um dos dramaturgos mais célebres da Espanha, principalmente depois de sua trágica morte.

Palavras-chave: Lorca, Teatro, Esperpento

Em 1926, o dramaturgo, poeta, compositor e pintor espanhol, Federico García Lorca escreveu “Amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim”, uma obra que transita entre o cômico e a tragédia. A peça teatral é intitulada pelo dramaturgo como uma “aleluya erótica em cuatro cuadros” para ser representada por seis atores: Don Perlimplim, Belisa, Marcolfa, mãe de Belisa, duende 1 e duende 2. Em 2003, o Teatro universitário de Maringá (TUM), fez uma montagem do espetáculo, adaptando-o para “Ramo Ardente” com direção de Pedro Ochôa. Na abordagem o diretor inseriu nove poemas e uma canção de autoria do próprio dramaturgo, colocado nas vozes do coro (adotado pelo diretor), que também personificavam os duendes, acentuando a característica trágica de García Lorca. A montagem do TUM inicia-se com o “poema de la Soleá – Sorpresa”

Muerto se quedo em La calle
Com um puñal em el pecho
No lo conocía nadei
Era madrugada.
Nadie pudo asomarse a sus ojos
Abiertos AL duro aire
Que muerto se quedo em La calle
Que com um puñal em el pecho

Y que no lo conocía nadie (GARCIA LORCA, 1921)

No primeiro e segundo quadro predomina a comédia, com pitadas de ironia nos diálogos. O protagonista, Perlimplim, nestes dois quadros suscita o riso pelo exagero de suas características físicas e psicológicas que destoam da figura submetida às convenções sociais que pertence. Perlimplim é um homem de cinquenta anos que é induzido pela sua criada Marcolfa a se casar com uma jovem, porém este desconhece o sexo, e por tal motivo faz uso da repetição das palavras de Marcolfa para fugir do assunto, produzindo assim o sentido deformado de entendimento. “Diante da dificuldade de tratar de temas que desconhece ou teme, promove o esvaziamento do diálogo por meio da repetição” (ELIAS, 2002, p. 4). Quando Marcolfa induz Perlimplim a se casar ocorre o seguinte diálogo:

PERLIMPLIM. Sim?
MARCOLFA. Sim!
PERLIMPLIM. Mas... Por que sim?
MARCOLFA. Ora, porque sim.
PERLIMPLIM. E se eu dissesse que não?
MARCOLFA. (*Áspera.*) Que não?
PERLIMPLIM. Não. [...]
MARCOLFA. Com cinquenta anos já não se é mais uma criança
PERLIMPLIM. Claro
MARCOLFA. Posso morrer de um momento para o outro
PERLIMPLIM. Caramba!
MARCOLFA. (*chorando*) E que será do senhor sozinho nesse mundo
PERLIMPLIM. O que seria de mim?
MARCOLFA. Por isso precisa casar-se
PERLIMPLIM. (*distraído*) Sim?
MARCOLFA. *Sim*
PERLIMPLIM. (*angustiado*) Mas, Marcolfa...Por que sim?



Imagem 01- Cena de Belisa, interpretada por Mariela Lamberti conversando com a mãe, interpretada pelas atrizes, Débora Mardegan, Ana Carolina e Paula Barbosa.

Autoria: Eduardo Cavalari

Ano: 2004

O pedido de casamento é realizado de forma não convencional, beirando o ridículo. Pela sacada de sua casa Perlimplim pede a mão de Belisa em casamento, que está do outro lado da rua na sacada de sua moradia. Perlimplim faz o pedido no plural “Decidimos que vamos...”, tal fato ocorre porque Marcolfa é quem dita o “sacrilégio” detrás da cortina. Na cena acima, a mãe de Belisa a convence: “Dom Perlimplim tem muitas terras, nas terras há muitos gansos e ovelhas, as ovelhas se levam ao mercado. No mercado dão dinheiro por elas. O dinheiro dá formosura... e a formosura é cobiçada pelos outros homens” (GARCIA LORCA, 1926, p.4). A mãe é representada por três atrizes, mostrando a ambiguidade, como se fossem três personalidades distintas. Seguindo às normas da mãe, eles se casam. Na noite de núpcias Belisa o trai com cinco amantes diferentes.

Em Lorca, a sexualidade ganha intensidade poética: a impossibilidade de realização sexual será motivada pela falta de liberdade do indivíduo, liberdade essa permanentemente ameaçada por duas forças opostas: a natureza humana e a sociedade, o querer e o dever, conduzindo a um fim trágico. Dessa maneira Lorca incorpora a tragédia ao teatro espanhol. [...] encontra na sociedade espanhola os elementos que conduzem a uma leitura trágica da realidade, mas que, por não se esgotar nessa abordagem, leva à criação do esperpento, síntese do trágico e o cômico (ELIAS, 2002, p. 1)

O conceito do esperpento foi formulado por Francisco Ruiz Ramón, que observa que há um ponto que não existe um acordo e que se pode interrogar se o esperpento é trágico ou grotesco, no entanto chega a concepção que “[...]lo grotesco y lo trágico de la realidad que pretende reflejar sólo puede hacerse, para no traicionar ninguna de esas dos dimensiones, mediante la síntesis dialéctica de la farsa y la tragedia, que es, en su esencia, el esperpento” (RUIZ RAMÓN, 1992, p. 132-133). No esperpento, segundo Neide Elias, são exigidos comportamentos distintos à vontade dos personagens, provocando atitudes grotescas e ambíguas por parte deles. “A concepção do personagem como um ser múltiplo é um traço

característico no esperpento, já que a deformação é condição para a recomposição da figura original” (ELIAS, 2002, p.3). A condição de homem patético será abandonada quando o personagem percebe a condição de homem traído e ridicularizado. Dom Perlimplim alterna entre o homem velho e o jovem amante, com sua capa vermelha, para conquistar o amor de Belisa.



Imagem 02 - Montagem do espetáculo “ Ramo Ardente”. Perlimplim interpretado por Daniel Lara e Marcolfa personificada por Ester Bello.

Autoria: Eduardo Cavallari

Ano: 2004

Na cena acima, Perlimplim conta seu plano de vingança para Marcolfa, que se martiriza, mas concorda. No diálogo seguinte Perlimplim pergunta o que a criada disse a Belisa, ao que Marcolfa “Embora, não tenha jeito para essas coisas, disse-lhe o que o senhor me mandou... que esse jovem... viria esta noite as dez em ponto ao jardim, envolto, como sempre, em sua capa vermelha” (GARCIA LORCA, 1926, p.17). “O uso da capa vermelha tira temporariamente de Dom Perlimplim a sua aparência de marido consentido e nos revela o que pode haver de sórdido na conduta humana, neste caso a vingança. Lorca, nesse sentido, usa a metáfora dos duendes de ocultar aquilo que verdadeiramente se pretende revelar” (ELIAS, 2002, p. 4). Os duendes, na direção de Pedro Ochôa também tomam parte do coro, os poemas de Garcia Lorca dão mais dramaticidade à cena. Quando Perlimplim pergunta a Marcolfa em que lençóis o está metendo, está responde” Nos lençóis do matrimônio”, então o coro entra com o poema “El presentimiento”:

El presentimiento
Es La sonda Del alma

El el mistério
Nariz Del corazóm
Que explora em La tiniebla(trevas)
Del tiempo
Ayer es lo marchito
El sentimiento
Y el campo funeral
Del recuerdo

Desse ponto em diante o autor busca na tragédia o desbobramento do enredo, porém o enredo busca sempre o grotesco que dão uma mistura ora trágica ora cômica. Os duendes chamam a atenção do público para as situações que vão ocorrer. “A entrada dos duendes significa a quebra do diálogo entre Perlimplim e Belisa, mas não do esvaziamento que o caracteriza. A falsa pretensão de encobrir o infortúnio do protagonista é logo revelada” (ELIAS, 2002, p. 6). Na direção de Pedro Ochôa quatro duendes compartilhavam a cena.

duende 1 – Y... como te va?
duende 3 – Ni bien ni mal
duende 2 – Ya estamos
duende 4 – Y qué te parece? Siempre ES bonito tapar lãs faltas ajenas
duende 1 –Y que lueo el público se encarque de destaparlas
duende 3 – Porque si lãs cosas no se cubren com toda clase de precausiones...
duende 2 – No se descubren nunca
duende 4 – Y sin este tapar y destapar
duende 1 –Qué sería de lãs pobres gentes?
duende 2 – Que no quede ni uma rendija
duende 3 –Que las rendijas de ahora sou oscuridad mañana
duende 4 – Cuando lãs cosas están tan claras...
duende 1 – El hombre se figura que no tiene necesidad descubrirlas...
duende 2 – Y se va a lãs côas turbias para descubrir em elaas secretos que ya sabía.
Todos duendes – Pero para eso estamos nosotros acá.

Na montagem realizada pelo Teatro Universitário de Maringá, o diálogo dos duendes foi conservado na língua espanhola. A sonoplastia também se baseou nas canções instrumentais de García Lorca e canções de folclore regionais espanholas, como “Teresita de Jesus”, “El clavel e la rosa” e “EL Reloj”. As cores predominantes nos figurinos buscaram cores vivas, como as pinturas e desenhos que Lorca retratou, embora como pintor sua aceitação pelos críticos não tenha sido favorável.



Imagem: Desenho de Federico Garcia Lorca

Autoria: <http://casadoteatro.spaceblog.com.br/309486/Federico-Garcia-Lorca-O-Poeta-Andaluz/>

Ano: 2009

Todo este, para algunos, tal vez innecesario introito, puede conducirnos o mejor dicho centrarnos en Federico García Lorca. Recordemos que no pocas fueron las veces en que acompañó sus poesías, cartas y piezas teatrales con dibujos al parecer infantiles, pero que en realidad, a los ojos de un entendido, son gráciles y nítidos, con la solidez que solo otorga una personalidad madura y genial. Casi tendríamos que decir que es imposible imaginar o considerar la obra pictórica de Lorca, sin su obra escrita. [...] Alguna vez, Garcia Lorca lo confiesa abiertamente: "Cuando un asunto es demasiado largo o tiene poéticamente una emoción manida, lo resuelvo con los lápices. Esto me alegra y divierte de manera extraordinaria"(GIRAUD, 2005, p. 1).



Imagem: Desenho de Federico Garcia Lorca

Autoria: <http://casadoteatro.spaceblog.com.br/309486/Federico-Garcia-Lorca-O-Poeta-Andaluz/>

Ano: 2009

Quando o personagem Perlimplim descobre que está sendo traído, senta-se na borda da cama, e mais uma vez o poema de Lorca vem à cena, com a citação do poema “Herido de Amor”

Amor, amor
Que está herido
Herido de amor huido
Herido,
Muerto de amor
Dedi a todos que há sido
El reiseñor (rouxinol)
Bisturi de cuatro filos
Garganta rota y olvido,
Cógeme la mano, amor
Qua vengo muy mal herido,
Herido!
Herido de amor huido,
Muerto de amor!

Pela primeira vez, ao planejar a vingança contra Belisa quem comanda a ação é Perlimplim e não Marcolfa. “Perlimplim - Farás como te digo? Marcolfa – Fique tranquilo”

(GARCIA LORCA, 1926, P p. 13). Não há mais o uso da repetição. O dramaturgo revela o plano de Perlimplim através de Belisa que num devaneio suspira e com voz trêmula revela:

[...] não consegui vê-lo. Quando passeava pela alameda, vinham todos atrás de mim, menos ele. Deve ter a pele morena e seus beijos devem queimar e perfumar ao mesmo tempo, como o açafraão e o cravo. Às vezes passa por debaixo da minha sacada e agita lentamente a mão, numa saudação que me faz tremer os seios (GARCIA LORCA, 1926 p. 14).

Perlimplim surpreende Belisa, que desconversa. Nesse jogo cênico Marcolfa envolta na capa vermelha atira um bilhete enrolado numa pedra. O cenário é composto pela sacada e o jardim com cipreste, presente em toda a cena. A trama se entrelaça quando Marcolfa ajuda Perlimplim em seu plano, e o mesmo promete ajudar Belisa a encontrar esse jovem, assim ambos traçam o destino do protagonista, que o levará a morte. Perlimplim deseja que Belisa ame esse jovem que escreve poemas sobre seu corpo e sua alma, mais que a seu próprio corpo e que a leve à loucura. Quando Marcolfa tenta interferir interrogando “ [...] como é possível que o senhor mesmo fomete em sua mulher o pior dos pecados” Perlimplim já enbriado pela loucura, volta-se para si mesmo na terceira pessoa “ porque Dom Perlimplim não tem honra e quer divertir-se. Estás vendo! Esta noite virá o novo e desconhecido amante de minha senhora Belisa. Que hei de fazer senão cantar. Dom Perlimplim não tem honra, não tem honra!” (GARCIA LORCA, 1926, p. 17). Na concepção de Neide Elias, o personagem repele a máscara social e veste a máscara dramática, aproveitando o disfarce teatral para conquistar o amor de Belisa com seus poemas.

O que parece predominar em toda a obra é um jogo dramático dentro da cena dramática, que se apresenta de diferentes formas e acompanha a evolução do personagem Dom Perlimplim, nos convidando simultaneamente ao questionamento do indivíduo submetido à representação no meio social (ELIAS, 2002, p. 3).



Imagem 02 - Montagem do espetáculo “ Ramo Ardente”.

Autoria: Eduardo Cavalari

Ano: 2004

Na cena acima, o personagem Perlimplim representado por Daniel Lara, se prepara para o encontro com Belisa, onde se transfigurará no personagem jovem de capa vermelha. No jardim, onde estão os ciprestes ocorre à maior parte das cenas como a chegada dos amantes de Belisa, onde Marcolfa e depois Perlimplim vigiam Belisa, por onde o “jovem da capa vermelha” joga os poemas e até o findar da cena.

Em *Dom Perlimplim* observamos a presença constante, já desde o título, da figura do jardim. Esse espaço, romântico por excelência, é marcado por uma visão esperpêntica, lugar onde se confundirão amor e morte. Lorca [...] combina jardim, água e lua com amor, mistério e morte. No jardim de Dom Perlimplim encontramos reunidos os signos trágicos emblemáticos que marcam o [...] dramaturgo [...]: o jardim iluminado pela lua. Para completar a configuração do ambiente mórbido, ele está repleto de ramos e ciprestes, plantas que simbolizam a morte (ELIAS, 2002, p. 3).

A montagem “Ramo Ardente” adaptação da peça teatral “O amor de Dom Perlimplim com Belisa em seu jardim” de Federico Garcia Lorca foi realizada pelo Teatro Universitário de Maringá, com direção de Pedro Ochôa, com base em pesquisas sobre o contexto social da data que foi escrita (1926) na Espanha, e na obra e vida do dramaturgo. García Lorca apesar de seus anseios artísticos múltiplos, não teve muito êxito na pintura, porém como compositor e poeta se destacou, mas sobretudo tornou-se um dos dramaturgos mais célebres da Espanha, principalmente depois da trágica morte. Com idéias socialistas e fortes tendências homossexuais foi alvo fácil para os políticos espanhóis conservadores, que sob forte influência católica ensaiavam a tomada do poder. Lorca foi preso em Granada, na Andaluzia, cidade que nasceu por decreto de um deputado católico, sob o pretexto que ele seria “mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver”. Em agosto de 1936, sem julgamento García Lorca foi executado com um tiro na nuca pelos nacionalistas. Seu corpo foi jogado em Serra Nevada. Foi uma das primeiras vítimas da Guerra Civil Espanhola. O crime teve grande repercussão no mundo das artes.

Referências bibliográficas

ELIAS, Neide. *Amor de Dom PERlimplim com Belisa em seu jardim: um esperpento em Lorca?*. Na. 2. Congr. Bras. Hispanistas. Outubro. 2002

GARCÍA LORCA, Federico. *Amor de Don Perlimplín com Belisa Y sua jardín. Edición de MArgarita Ucelay*. Madrid, Dátedra, 1996.

_____. *Obras completas III*. Madrid, Aquilar, 1989.

RUIZ RAMÓN, F. *Historia Del teatro español –Siglo XX*. Madrid, Dátedra, 1992.

GIRAUD, Susana. *La posibilidad de representación plástica en la obra de Federico García Lorca*. *Revista de Cultura* #46, Fortaleza, São Paulo, Julho de 2005. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag46lorca.htm> Acesso em 15/07/2011.